

Má Sorte

AMMOSTR

Má Sorte

Sandra Dallas

TORDSILHAS

Má sorte

Copyright © 2025 TORDESILHAS

Tordesilhas é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA)

Copyright © 2025 by Sandra Dallas.

ISBN 978-65-5568-313-4

E-ISBN 978-65-5568-314-1

Translated from original *Tough Luck*, Copyright © 2025 by Sandra Dallas. All rights reserved. ISBN 978-1250352309.

Published by arrangement with Browne & Miller Literary Associates, LLC. PORTUGUESE language edition published by Alaúde, Copyright © 2025 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Copidesque: Virginia Bioni

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D163m

Dallas, Sandra

Má sorte/Sandra Dallas – Rio de Janeiro: Tordesilhas, 2025.

256 p.; 16 x 23 cm.

Título original: *Tough Luck* – A novel.

ISBN 978-65-5568-313-4

1. Literatura juvenil americana. 2. Ficção histórica. 3. Romance de formação. 4. Oeste americano – século XIX. 5. Mulheres – ficção. I. Título.

CDD 813.54

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção americana – século XX – autoras contemporâneas 813.54

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:



Em memória dos meus avós, minha herança como escritora

Hazel e Dana Mavity
Faye e Howard Dallas

AMMOSSTRA

AMMOSTR

Capítulo Um

Não fazia nem uma hora que a nossa mãe tinha sido enterrada e meu irmão Cheet já havia vendido a fazenda. Nem era dele para vender. E eu disse isso a ele.

— Cheet — falei —, a fazenda não é sua para vender.

— Se não é minha, não sei de quem seria. E com certeza não é sua — respondeu ele.

— É do papai.

— O papai tá morto e ninguém vai levantar ele da cova, igual Jesus fez com Lázaro.

— Você não sabe se ele morreu.

— Ele foi embora em 1859 e estamos em 1863 e, nesse tempo todo, escreveu só três cartas. A última faz quase dois anos. Isso quer dizer que morreu e a mamãe definiu por saber disso, e isso é um fato. As últimas palavras dela foram: “Olá, Manley.”

— Isso não quer dizer que ela o viu no céu.

— Então, você acha que ela está no inferno?

Cheet sempre distorcia o que eu dizia.

— Tô dizendo que a gente não sabe se o papai morreu.

Posso ser teimosa quando quero, mesmo que tudo o que eu faça seja repetir a mesma coisa. Eu podia ter discutido que não foi a partida do papai que matou nossa mãe. Ela já estava fraca muito antes de ele ir embora e, para falar a verdade, acho que isso talvez tenha sido um dos motivos pelos quais ele foi embora.

— Você já disse que não sabe se o papai morreu. Eu digo que sim e, mesmo que não tenha morrido, quem é que vai cuidar da fazenda até ele resolver voltar para a casa? — perguntou Cheet. — Acha que eu vou dar comida para os porcos e espalhar estrume até o papai aparecer com o rabo entre as pernas e sem nem um “muito obrigado”? Você sabe como ele é.

— Ele vai voltar para a casa orgulhoso e rico — insisti.

Eu acreditava no papai, embora ninguém mais na família acreditasse. Mamãe vivia implicando com ele e o Cheet zombava dele, então, talvez, fosse por isso que o papai tivesse se apegado mais a mim. Ele me ensinou a pescar, a arar a terra e a montar em cavalos como um menino. Dizia que eu era o melhor filho que ele tinha, apesar de ter o Cheet e o Boots. Meu irmão mais velho dizia que eu era jovem demais para saber que o papai era um fracasso. Talvez fosse mesmo, mas alguém tinha que acreditar nele. E o papai acreditava em mim. Antes de partir, me fez jurar que, se algo acontecesse com ele, eu ficaria responsável por cuidar do Boots. Era meu dever jurado e sempre repetia isso nas cartas.

Tinham sido só três, como o Cheet disse, e eram bem curtas, porque o papai não escrevia muito bem. Eu as li tantas vezes que já sabia de cor.

Querida muié e família — ele tinha escrito na primeira. Cheguei no Colorado e mina de ouro é coisa rara. Tô mais sozinho que um gambá. Cheet larga o baralho e faz tua parte na fazenda, e Haidie, num esquece da tua promessa com o Boots. Com afeição, seu pai, Manley P. Richards.

Ele não dizia nada para mamãe.

Agora, eu e o Cheet estávamos sentados na cozinha: ele ao lado do fogão a lenha, que era o único lugar quente da casa. Passava um bom tempo naquela cadeira, mesmo antes da mamãe morrer — ali ou no celeiro, estudando truques de baralho e jeitos de trapacear, achando que iria virar um jogador de barco a vapor, com colete de seda e gravata de laço. Ele me obrigava a jogar com ele à noite — o vovô tinha ensinado a gente — e, para dizer a verdade, eu jogava melhor que o Cheet

e trapaceava melhor também, mas quase sempre o deixava ganhar, porque ficava bravo ao ponto de cuspir marimbondos quando perdia.

Depois que ficou frio demais no celeiro, Cheet disse que precisava ficar perto da mamãe, caso ela precisasse de alguém para levantá-la, e que só ele era forte o bastante para isso. Isso queria dizer que eu e o Boots tínhamos que cuidar da fazenda.

O Boots estava ordenhando agora, e eu me juntaria a ele assim que terminasse de lavar a louça que o pessoal tinha deixado. As mulheres trouxeram torta de uva-passa — torta de velório, como a gente chamava, porque era isso que sempre levavam para velar um corpo —, bolo, feijão assado e uns potes de picles de pepino doce que tinham preparado, embora eu não soubesse o porquê que alguém ia querer comer picles depois de um enterro. O Cheet tinha acabado de cortar um pedaço de bolo de caramelo, espalhando migalhas por toda a mesa, que eu também teria que limpar. Eu queria dizer para ele que agora podia ajudar na ordenha, já que a mamãe estava morta e enterrada e não precisava mais ser levantada, mas sabia que era melhor não provocar quando ele estava mergulhado nos próprios pensamentos.

— Aposto um dólar que o papai nunca mais volta.

Soltei um resmungo.

— Se eu ganhasse, você ia pagar essa aposta com o dinheiro que pegou da venda da fazenda.

Cheet deu de ombros.

— Bom, já está feito e não tem nada que você possa fazer agora — disse ele. — A fazenda está vendida. Assinei os papéis antes mesmo da mamãe estar debaixo da terra.

— Por quanto você vendeu? — perguntei.

— Novecentos e cinquenta dólares.

— Ela vale mil e quinhentos. Você foi passado para atrás — falei. Essa é a mais pura verdade. Como o Cheet disse, estávamos em 1863, e parecia que a guerra ainda duraria muito tempo, o Norte contra o Sul. Nossa boa terra agrícola em Illinois valia até mais que mil e quinhentos.

— Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

— E o que a gente vai fazer com esse dinheiro?

— “A gente”? — zombou ele. — Quer dizer o que *eu* vou fazer com ele? O dinheiro foi dado para mim. Não vi o nome de Mary Haidie Richards em papel nenhum. Eu tenho dezenove anos e posso usá-lo como quiser. Você tem catorze e é menina, não tem direito nenhum. Azar o seu.

As palavras dele me pegaram de surpresa. Eu não tinha pensado nessas coisas até agora — não que alguém pudesse me culpar. Eu não esperava que o papai ficasse fora tanto tempo e nunca tinha parado para pensar no que fazer se a mamãe morresse. Também não esperava que o Cheet fosse vender a fazenda e, agora que ele tinha feito isso, eu não fazia ideia do que nós três íamos fazer. Eu não queria viver em um barco no rio enquanto o Cheet jogava fora o dinheiro, mas aonde mais Boots e eu poderíamos ir? Além disso, se eu não ficasse de olho no Cheet, ele gastaria tudo mais rápido do que chuchu que cresce na horta.

— Melhor você me dar o dinheiro para guardar? — falei.

— “Melhor você me dar o dinheiro para guardar” — repetiu o Cheet, zombando de mim. Era maldade da parte dele. — O dinheiro é meu. Por que eu daria para uma criança igual a você?

—Porque um terço é meu, outro terço é do Boots e eu não confio que você não vai apostar tudo em um jogo.

—Toma aqui sua parte, então — disse ele, enfiando a mão na bolsa e tirando duas moedas de ouro de vinte dólares.

—Quarenta dólares! Minha parte é quarenta dólares?

— As duas partes. Sua e do Boots. Tô sendo mais que generoso. Isso é mais do que qualquer um tem para onde vocês vão.

Fiquei encarando meu irmão.

—Como assim “para onde a gente vai”? Quer dizer que não vamos ficar juntos?

—Tenho planos para mim. E tenho planos para a vocês também.

Encarei Cheet por um longo tempo, digerindo o que ele havia dito. Será que ele queria me mandar para ser uma criada? Pensei nas poucas opções de trabalho que eu teria... E, então, me lembrei das mulheres que trabalhavam na Red Feather Road, e estremei. Cheet não podia estar pensando naquilo. Ele não valia grande coisa, mas pelo menos me protegeria se estivéssemos juntos. Sem ele, o que seria de mim e do Boots?



O plano de Cheet, ao que parece, era nos mandar para um orfanato. Ele já tinha providenciado nossa entrada no Lar do Bom Pastor para Crianças Abandonadas e Órfãos, em Smoak, Illinois.

Naturalmente, eu protestei.

— Nós não somos crianças abandonadas, nem órfãos, senhora — falei para a sra. Tallbridge Walker, que era a diretora do lar. Ela disse que devíamos chamá-la de sra. Walker, presumindo que eu fosse chamá-la de “Jessica”. Fui muito bem-educada para fazer isso. — Temos um pai que está temporariamente no Oeste, descobrindo uma mina de ouro.

— Muito bem, então quando ele voltar, poderá pagar pela sua estadia, Mary.

— É Haidie, senhora.

Ela baixou os olhos para um papel que Cheet já tinha preenchido.

— Diz aqui que seus nomes são Thomas Benton Richards e Mary Haidie Richards. Seu nome é Mary.

— Eu me chamo Haidie — insisti, teimosa, sem encará-la e preferindo olhar ao redor da sala, que era feia e muito sem graça. Havia uma escrivaninha, cadeiras de madeira enfileiradas contra a parede, uma cruz com quase cinco palmos de altura e um quadro da Virgem Maria com um olhar triste. Se não houvesse uma placa dizendo “orfanato”, ninguém saberia o que era aquele lugar, pois não havia brinquedos nem retratos que sugerissem a presença de crianças.

— Haidie não é um nome adequado para uma moça. Você se chama Mary, em homenagem à mãe de Nosso Senhor, não é?

O lar do Bom Pastor era católico, embora a senhora Walker não fosse uma freira. Afinal, não dava para ser esposa de Jesus e a sra. Walker ao mesmo tempo, não é? O Bom Pastor não era um lugar ruim para um orfanato. Eu sabia, porque costumava ir lá com papai quando ele vendia batatas para eles., mas não era tão bom quanto o Lar Judaico para Crianças Desafortunadas. Papai vendia batatas para eles também

— as boas. O Bom Pastor comprava as que sobravam. Se eu tivesse que ser órfã, preferia ser judia.

— Então? — disse a senhora Walker e eu tive que me lembrar qual era a pergunta dela. — Você não foi batizada em homenagem à Santa Mãe? — insistiu ela.

Não fui batizada em homenagem à mãe de ninguém, mas, sim, à minha tia, Mary Haidie, uma mulher de proporções incomuns que acreditava em óleo de rícino para crupe e varinhas de salgueiro para educar crianças. Sempre que a gente a visitava, ela ameaçava arrancar nosso cabelo quando éramos malcriados, e disso ela entendia bem do assunto, a julgar pela peruca que se equilibrava na cabeça feito um pequeno gambá mal-humorado. Papai tinha esperança de que ela deixasse algum dinheiro para gente em troca do direito de me dar o nome, mas nisso nos frustramos amargamente, porque a única coisa que ela deixou foi um retrato a óleo de si mesma. O dinheiro foi para os batistas lavadores de pés. Eu não reclamei quando o retrato foi vendido junto com a fazenda. Na verdade, demorou até eu perceber que ele tinha sumido, porque a gente o guardava no celeiro.

— Sim, senhora, acho que meu nome é uma homenagem à mãe de Jesus — respondi, porque era isso que ela queria ouvir e não me fazia mal nenhum dizer.

Agora, deixa eu contar uma coisa que é bom você saber a meu respeito. Eu minto. Não minto por teimosia nem por maldade. Minto porque me convém — e pode ser que seja útil para você também, se quiser experimentar. E é uma coisa fácil. Consigo olhar alguém bem nos olhos e mentir até cansar. Não vejo mal nenhum nisso, nenhum mesmo.

— Estou tentando explicar: eu e o Boots não somos órfãos. Cheet não tinha o direito de mandar a gente para cá. Ele vendeu a fazenda por quase mil dólares e quer ficar com tudo para gastar em coisa errada.

A diretora se virou para Cheet, que me lançou um olhar fulminante.

— Ela é mentirosa — disse ele. — mamãe bateu nela e bateu de novo, mas não conseguiu livrá-la da mentira. Haidie, quer dizer, Mary, não tem verdade no coração. Já nasceu com essa maldição.

Talvez tenha percebido que falou demais e que a diretora podia recusar a gente, porque logo acrescentou:

— Fora isso, ela é uma boa menina, muito trabalhadora.

— E quem é o mentiroso agora? — retruquei. — Meu irmão tá com quase mil dólares e vai gastar tudo jogando cartas nos barcos a vapor no rio. Se vai largar a gente aqui, devia ao menos ter coragem de se alistar de novo pro lado da União. A guerra já dura dois anos e precisa de homens, até dos imprestáveis.

A guerra não ia bem para o nosso lado ianque, mas Cheet não podia levar a culpa por isso, porque tinha voltado para casa depois de dois meses dizendo que fora ferido e dispensado. Mas eu, pessoalmente, achava que ele tinha desertado.

— Se você é o guardião legal deles... — A diretora franziu a testa.

— Sim, sou. Mas estou a caminho do seminário, onde vou estudar para o sacerdócio.

Fiquei olhando para o meu irmão com a boca tão escancarada que dava para enfiar uma batata sem encostar na língua, pensando que nunca na vida eu tinha contado uma mentira tão cabeluda quanto aquela. Dona Walker fez o sinal da cruz.

— Um padre! Ora, que coisa maravilhosa. Todas as crianças do orfanato rezarão pelo senhor. É uma honra receber seu irmão e sua irmã.

— Pergunta para ele se sabe os livros da Bíblia — falei para ela. — Manda-o citar um versículo do livro de Jorge.

Cheet me lançou um sorriso triste e foi aí que eu soube que tinha perdido. Ele era capaz de enfeitiçar até uma cadeira.

— Tem minha permissão para castigá-la na face direita, na face esquerda e no traseiro, sempre que quiser.

E com o dedo, desenhou uma cruz no ar.

— Quais são as idades de Mary e Thomas? — perguntou dona Walker a Cheet.

— É Boots, senhora. Pode me chamar de Mary se quiser, mas meu irmão é Boots. Ele nem ia saber que era com ele se a senhora chamasse por Thomas.

— Boots não é nome.

Mas ela estava errada quanto a isso. Meu irmãozinho era Boots desde o dia em que aprendeu a engatinhar e enfiou a cabeça dentro de uma das botas do papai. Agora ele olhava da sra. Walker para mim, sem saber quem ele devia ser.

— O nome dele é Thomas — disse a sra. Walker, espiando para ver se Boots ia contestar. Não contestou. — Agora, quanto às idades — continuou a diretora. — O senhor disse que Thomas tem dez, e Mary, doze.

Mais uma vez, comecei a protestar. Eu tinha catorze, quase quinze, mas me calei quando ela acrescentou:

— Não aceitamos meninas com mais de catorze anos. Preferimos crianças pequenas. Mas, considerando que o senhor vai ser padre, aceitaremos Mary se ela tiver doze.

Agora você pode se perguntar o porquê eu não protestei. Não foi porque eu sabia que Cheet discutiria comigo se eu dissesse minha idade verdadeira, foi porque queria ficar de olho no Boots. Ele nunca tinha ficado sozinho e ficaria com medo sem mim.

Além disso, um plano já começava a se formar na minha cabeça.

— Cheet, já que você vai entrar para o sacerdócio — então, desenhei uma cruz no peito com o dedo —, queria que me desse as cartas de papai que você tem nesse bernal. Você sabe tão bem quanto eu que eles não deixam padres noviços ficarem com objetos pessoais.

Cheet não sabia se isso era verdade ou não. Além do mais, ele não tinha mesmo interesse nas cartas. Então enfiou a mão na bolsa para pegá-las. Mas eu fui mais rápida e puxei o bernal. Meus dedos encontraram a bolsinha de dinheiro e escondi duas moedas dentro de um dos envelopes. Outra coisa que você devia saber sobre mim é que posso ser ladra quando quero. Na verdade, já considerei a ideia de virar batadora de carteira, mas ninguém em Smoak nunca teve dinheiro para pôr no bolso.

Cheet assinou uns papéis e depois desenhou uma cruz sobre nossas cabeças. Desejei boa sorte a ele. Não odiava Cheet, embora ele tivesse passado a perna em mim e no Boots, ficando com a nossa parte do dinheiro e largando a gente num orfanato. Ele não tinha jeito para ser pai, assim como não tinha jeito para ser fazendeiro. Não teria se saído melhor criando a gente do que cuidando da lavoura e teria levado a gente pro buraco junto com a fazenda. Pelo menos no orfanato a gente teria o que comer, e o Boots aprenderia a ler e escrever melhor do que eu

conseguiria ensinar. Cheet não era uma má pessoa. Só não era um irmão muito bom.

— Se comportem, ouviram? — gritou Cheet para a gente.

— Que Deus te abençoe, padre Cheet — falei.

Boots observou a diretora acompanhar nosso irmão mais velho para fora da sala e então se virou para mim, com o rosto sério.

— O que vai acontecer com a gente? — perguntou.

— A gente vai ficar aqui e ser os melhores malditos órfãos que eles já tiveram.

Depois, na primavera, vamos fugir e encontrar o papai.



Se eu não soubesse que fugiríamos um dia, não teria aguentado ficar tanto tempo naquele orfanato. Mamãe estava morta. Eu já tinha chorado por ela muito antes de vê-la partir de vez. Era uma mulher arredia e nunca foi forte e, depois que papai foi embora, ela simplesmente definhou. Quando as cartas dele pararam de chegar e mamãe se convenceu de que ele tinha morrido, passou a maior parte do tempo na cama, dizendo que não tinha mais motivo para viver. Acho que ela não considerava Boots e eu motivo suficiente. Ela não queria mais nada além de se juntar a papai no céu e suas últimas palavras, como Cheet contou, foram “Olá, Manley”, Manley sendo o nome de papai, é claro. Pensar que ela estava feliz quando partiu me ajudava bastante, embora eu ache que Deus, ou os anjos, ou quem quer que esteja no comando, tenha a enganado. Nada neste mundo me convencia de que papai já estava morto.

Como eu já sabia que mamãe não duraria muito, meu luto veio antes. Mas Boots, esse chorou sem parar, e foi aí que eu amaldiçoei papai. Nem um pote de ouro valia toda a tristeza que ele fez recair sobre Boots.